



maçã  
do amor



<b>A minha música</b>	<b>5</b>
<b>Solo</b>	<b>15</b>
<b>Quem é o mascarado?</b>	<b>19</b>
<b>Feito uma canção</b>	<b>22</b>
<b>A música de Francisca</b>	<b>25</b>
<b>Bolero</b>	<b>33</b>
<b>Nossa melodia</b>	<b>35</b>

# Carta da editora

Tantas vezes tentei escrever este editorial  
E cada uma de minhas rimas pareceu... banal.

Redigi, apaguei. Para criar não bastava querer.  
Faltaram-me palavras, faltou-me poesia.  
Então como poderia eu sem vocábulos dizer  
O quanto de amor cabe em uma melodia?

Talvez devesse deixar-me guiar pelo improviso  
E permitir que cada compasso se escreva sozinho.  
Assim o é na música e no amor,  
Por que também não seria nas palavras de um escritor?

Pois então aqui estão, entre contos e cartas  
Os mais melódiosos amores,  
Que de certo serviriam de inspiração  
Para os melhores compositores.

**Luísa Scheid**





# A minha música



Carolina é estudante de Jornalismo na UFJF, nascida em BH há 21 anos. Descobriu sua paixão pelas palavras ainda muito nova e desde então não parou de ler e escrever, publicando o seu primeiro romance em 2020 "Lendas do Mar". Passa a maior parte do tempo estudando e com os seus amigos e família, mas sempre sonhando acordada.

 @carolsaiki

A porta do ônibus fecha e fico feliz em perceber que ninguém sentou ao meu lado. Sem nenhuma cerimônia, jogo a bolsa do colo para o lugar vago e pego meu celular e os fones. Enquanto tento lidar com o sistema *bluetooth*, percebo um leve tremor vindo da minha mão, mas antes de um lamento se formar na minha cabeça, o motorista entra e começa a explicar como a viagem iria funcionar, horário de previsão de chegada e que todos colocassem o cinto.

Sendo impossível lidar com tudo que está nas minhas mãos e colocar o cinto ao mesmo tempo, largo o celular no banco ao lado enquanto encaixo o fone em um ouvido. Assim que o cinto faz o barulho que está travado e o motor do ônibus dá a partida, escuto que o *bluetooth* do fone está conectado ao aparelho.

Solto o ar enquanto me espreguiço. Terei uma longa viagem pela frente. Busco o celular no banco do lado, pegando-o com a mão esquerda. Meus dedos fraquejam de novo e sinto o aparelho escorregar. Passo ele para a outra mão e abro e fecho aquela que já deveria ter melhorado. De acordo com o fisioterapeuta, em breve poderia voltar a tocar, e meus colegas da orquestra estavam ansiosos por isso, mas ainda era frustrante perceber que esse “em breve” era vago o suficiente para me fazer crer que, na realidade, estava longe da recuperação, longe de voltar a tocar piano.

Tentando afastar esse sentimento, entro na minha *playlist* e busco uma música que queria ouvir, qualquer uma, e me satisfaço quando encontro “*Saturn*” do *Sleeping at the last*, que combinava com meu humor. Dou *play* e jogo meu corpo para frente, no intuito de abrir mais as cortinas e ver a cidade pouco a pouco sumindo, mas a música não começa, apesar de já ter iniciado no aplicativo.

Franzo as sobrancelhas, pensando se isso não é um *bug* qualquer. Paro a música e a coloco de volta ao início, mas assim que aperto *play* outra música começa a tocar. Fecho o aplicativo, mas a música continua. Ajeito o corpo na cadeira, tiro o cabelo da frente do rosto e começo a abrir a parte de sistema de *bluetooth* vendo que, na realidade, meu celular havia se conectado a outro

aparelho. Assim que tudo é esclarecido, escuto a voz feminina e robotizada no Google no meu ouvido interrompendo as batidas da música.

“Desculpe, mas o seu fone está no meu celular”.

Assustada, levanto a cabeça e olho para um lado e para o outro, tendo um panorama de todos os passageiros. Esperava ver uma pessoa balançando a mão com um sorriso sem graça pelo ocorrido, mas todos estavam com as cabeças abaixadas e olhando para as próprias telas.

“Sorria, isso foi engraçado”. A voz surge de novo ao meu ouvido e acabo sorrindo mesmo.

Entro no Google e vou ao tradutor, na intenção de responder o dono do celular que estava conectado.

“Cadê você?”

“Não importa. Sou tímido”. Isso me revela que a pessoa que estava falando era um homem, em seguida a voz volta: “Posso continuar ouvindo a música? Prometo colocar uma legal para você”.

Aperto a boca. Sempre que possível gosto de indicar minhas músicas favoritas, admito que nem sempre é um processo voluntário, então não seria problema nenhum trocar músicas com um desconhecido.

Talvez fosse pela situação peculiar em que nos encontrávamos, mas estava muito curiosa para saber mais da pessoa que estava do outro lado do meu fone.

“Com a condição de saber o seu nome”.

“Milton”, ele não hesitou em responder.

Apesar de não ter perguntado o meu, decido que quero me apresentar também.

“Camila, prazer em te conhecer”.

Não dando tempo de ele me responder, já dou *play* na música, esperando o que ele me prometeu. Demora alguns segundos antes do som começar, estranho o seu início apesar de gostar da voz do vocalista, assim que me acostumo com o ritmo, a guitarra e a bateria ganham força. Apesar de ser bem diferente do meu gosto, acabo curtindo.

A música que ele coloca para mim acaba antes da que estava no meu celular e, por isso, escuto:

“Boa, não é?”, e antes que eu tivesse a oportunidade de responder ele continua: “*Castle of Glass*” do Linkin Park.

A voz do Google português tenta falar o inglês, mas sai algo muito confuso, então tento conter a risada. A música que estava sendo tocada no meu celular acaba e penso em respondê-lo, só que ele se apressa e a voz do Google volta, antes que eu consiga escrever algo.

“Vou te mostrar outra, mas quero mais uma em troca”.

Dessa vez ele fica em silêncio, esperando que eu responda.

“Não vejo porque não”.

Escolho “*Soldier, poet, king*” do *The Oh Hello’s*, que combina com o clima ensolarado do lado de fora e se distancia bastante do gosto musical de Milton, acho que posso mostrar algo para ele que nunca ouviu. Assim que aperto o *play*, percebo que essa ideia de apresentar coisa nova não foi só minha.

Talvez eu e Milton pensemos igual, porque a música agora no meu ouvido tem uma guitarra muito mais pesada, uma voz mais grave no vocal e uma bateria bem presente, bem diferente do que eu estou acostumada a ouvir. Isso me faz lembrar que sempre tive o desejo de aprender violão para entreter meus amigos nas festas. Acho legal quando alguém simplesmente aparece com o instrumento e todos podem desfrutar um pouco de música ao vivo. Ainda assim, o piano é a minha paixão e não o trocaria por nada. De qualquer forma, com a minha mão do jeito que está, seria impossível aprender a tocar outro instrumento.

Talvez seja bom não conseguir ouvir as minhas músicas, muitas tinham grandes partes com pianos e, apesar de amar isso, já estava me deixando triste. O piano é tudo para mim e, bem, o transformei no meu ganha pão, cada nota que meus dedos faziam pareciam ser palavras soltas no ar, prontas para chegarem aos seus ouvintes e, por um pequeno momento, eu sabia que poderia me conectar com os outros sem nenhuma barreira ou medo. Estou cansada de não poder mais fazer isso. Na realidade, tenho me sentido muito sozinha e não tenho ideia de quando esse sentimento passará.

A minha música é curta, então assim que ela finaliza, uma ideia cruza minha mente, mais rápido do que eu sou capaz de impedir. Digito no Google:

“Posso te mostrar uma coisa?” Imagino a voz feminina do Google falando com ele e apago. Escrevo de novo com o máximo de agilidade que meus dedos permitem: “Mas quero a sua opinião honesta”.

“Claro”. A voz robótica abaixa o volume da música por um momento curto o bastante para ouvir a resposta, e apenas isso.

Suspiro e entro na pasta onde guardava uma gravação amadora, feita pelo celular. A qualidade do som não está nem perto de ser a ideal e a música em si precisa de alguns ajustes, mas há meses quero mostrar isso para alguém, só não tive coragem.

Na época em que a minha mão estava boa, compus algumas músicas de brincadeira. Tentava me inspirar nas coisas mais simples possíveis, como o vento, os carros que passavam por mim na rua, até pessoas peculiares que

poderia ter visto. Pouquíssimas saíram da partitura e, menos ainda, foram gravadas de forma amadora. Queria ter o dom das palavras e fazer letras tão cheias de sentimentos e significado quanto as melodias, mas nunca consegui. Torcia para que Milton não achasse o instrumental chato.

Essa música em específico tinha sido composta em um pequeno café da cidade, nas minhas pausas dos ensaios e no meu quarto antes de dormir. Ela continha toda a minha animação de estar vivendo em uma cidade grande e fazendo o que amo. Coloquei todas as minhas expectativas, sonhos e empolgações nela de modo que minha dificuldade em mostrar isso para um amigo era a crítica que poderia vir e como ela estaria voltada indiretamente para mim.

A música em meu ouvido acaba e outra fora colocada, seguindo o mesmo ritmo de um estilo mais para o rock. Olho ao redor mais uma vez, buscando o rosto do rapaz com quem conversei; quero saber as reações dele enquanto escuta minha música, mas, de novo, muitas pessoas de fone *bluetooth* e muitas olhando o celular, sendo impossível saber qual dos onze rapazes poderia ser.

“De quem é?” A voz do Google surge, parando a música abruptamente dessa vez.

Hesito. É impossível saber a emoção que essa frase carrega, mas preciso responder: “Minha”.

“Incrível”. Uma pausa enquanto ele digita: “Tem mais? Coloca. Vou te mostrar algo”.

Queria que ele tivesse falado bem mais do que “incrível”, afinal, acabei de mostrar algo criado com muito esforço e, talvez, um pouco da minha alma. Apesar disso, tenho mais músicas e coloco uma enquanto outra com um estilo mais suave de rock começa no meu fone. As letras dessa música estavam em português e falavam sobre o tempo e a nossa pressa para viver; era uma letra boa, bem melhor do que as que eu tinha tentado fazer, sem sombras de dúvidas.

A música que coloquei para ele era diferente; era sobre a minha saudade de casa. Foi escrita na cozinha, enquanto eu comia miojo, ou no trânsito infinito quando eu tinha sorte de ficar sentada no ônibus. Ela tem um estilo bem mais triste e saudoso, até infantil, por ter colocado um pouco da melodia que a minha mãe inventou para me ninar quando eu era pequena.

“Você é muito talentosa”, a voz do Google diz. “Trabalha com o quê?”

“Musicista em uma orquestra”, respondo. “A última música foi sua?”

“Da minha banda”. Apesar de não ter sentimento na voz que ouvi, quase poderia imaginar o sorriso orgulhoso dele. “Gostou?”

“Sim. Queria saber fazer letras assim. Parabéns, espero que vocês fa-

çam muito sucesso”. Assim que dei *play* na voz artificial, decidi tentar algo: “Qual é o nome da banda?”

“No fim da viagem falo. Se não você entra no Google e me acha”.

“E qual é o problema disso? É realmente tão tímido assim?”

“Bastante”, escuto, e depois de uma pequena pausa ele completa: “E gosto desse mistério todo, você não?”

“Amo quando me dão spoiler, então não. Minha curiosidade está me matando”.

Ele não responde, apenas coloca outra música da banda dele, uma com um tom mais romântico. Suspiro; ele estava brincando com a minha cara?

Vejo minha última gravação e aperto a boca ao perceber. Essa é sobre um pôr do sol, simples assim. Lembro de escrevê-la tentando engarrafar todas as cores que vi no céu naquele dia, todas as nuvens que tinham partes douradas refletidas, até que o céu escuro surgisse. Depois dela, tinha muitas partituras e uma mão inútil.

Abrindo e fechando a minha mão, pensei na minha mãe me esperando na rodoviária da nossa cidade; ela disse que me faria bem passar as férias lá me recuperando. Não queria lembrar das nossas últimas conversas, mas a raiva subiu de novo quando pensei nela falando que estava tudo bem quando liguei chorando para ela por causa da fratura e da solidão que ela me causava. De acordo com ela, a música não era um meio de comunicação e, ainda que fosse, eu era capaz de falar. Ela não entendia, poucas pessoas entendiam.

A música acaba e nada é dito. Ele coloca outra dele, mas sou obrigada a voltar a colocar a minha *playlist* com composições de outras pessoas. “Anchor”, do Novo Amor. Pouco tempo depois do *play*, escuto o Google falar:

“Essa não é sua”.

“Não tem mais músicas minhas”.

Ele fica muito tempo em silêncio, primeiro acho que ele estava escrevendo muita coisa, mas na realidade tinha só hesitado demais, afinal só ouço isso: “Por quê?”

“Eu quebrei a mão no início deste ano, venho escrevendo música há algum tempo, mas só deu para gravar essas”.

“Como?”

Eu fico me perguntando se ele fala tão pouco normalmente ou se é apenas preguiça de digitar. De qualquer modo, ele me fez uma pergunta delicada e, por mais que odeie pensar que quebrei a mão, odeio mais pensar em como isso aconteceu.

“Tinha acabado de tocar em um concerto e a tampa do piano caiu

na minha mão”, respondo por fim. “Alguém bateu no apoio, eu acho. Enfim, estragou a noite da orquestra”.

“Ai!” É a única coisa que escuto e depois de um tempo. “Mas vai recuperar logo?”

“Sim, o médico disse que com um pouco de fisioterapia a minha mão fica novinha e forte o suficiente para voltar a tocar como antes”. Penso se quero falar mais e chego à conclusão que sim. “Só que já era para ter recuperado mais do que consegui e, estou com muito medo”.

“Imagino”, é a única coisa que ele fala, mas não sei o que esperava de um desconhecido. Além disso, não existe muito a ser falado na minha situação, já tinha desistido e colocado outra música quando o Google volta a falar: “Sabe, essas coisas são complicadas mesmo. Cada corpo se recupera de uma forma diferente e, querendo ou não, você está ansiosa com isso, obviamente vai parecer uma vida até voltar a tocar. Não se desespere, você vai tocar mais e, bem, escrever mais músicas”.

Não sabendo o que responder, digito sem jeito:

“Foi a coisa mais longa que você me disse. Obrigada”.

“Disponha”.

Sorrio e fico muito grata pelas palavras de conforto. Quero saber mais sobre esse cara, então pergunto:

“E sua banda, o que você toca nela?”

“Bateria”.

“E estão fazendo muito sucesso?”

“O suficiente”, ele responde e dá uma pausa. “Queria que você tivesse mais músicas para me mostrar, realmente gostei”.

Percebo que ele desconversou, mas não insisto. Suspiro enquanto digito e me ajeito na cadeira do ônibus, cansada de ficar tanto tempo sentada.

“Eu até tenho, mas está inacabada. Comecei a tocar para gravar, mas no meio tem uma campainha interrompendo. Esqueci de deletar a gravação”.

“Quero ouvir”.

Dou *play* na última música, aquela tinha sido a primeira que eu tinha escrito e reescrito várias vezes ao longo dos anos, ali estava várias versões minhas com os mais variados sentimentos. Tinha tocado essa música tantas vezes sozinha que mesmo sem ouvi-la e com uma música completamente diferente tocando na minha cabeça, eu era capaz de mexer meus dedos, imaginando-os batendo nas teclas do piano. Meus dedos vagam no ar e sinto minha boca fazer um leve sorriso, imaginando as notas vagando como ondas no ar indo aos corações das pessoas. Minhas notas, meus sentimentos, sendo ditos

e ouvidos da forma mais crua que eu conhecia, mas minha mão hesita mais uma vez, fazendo a música imaginária acabar em uma nota brusca, horrível.

Puxo a mão para perto do peito, suspirando alto e piscando várias vezes para afastar as lágrimas. Como vou viver sem tocar? As pessoas não entendem isso, nem sempre acho que eu consigo explicar meus problemas, mas a única coisa que tenho é isso. Só assim consigo ser.

“Uma pena não ter mais”. A voz soa devagar, quase como uma facada. Em seguida veio: “Dá para sentir muita coisa, quase como se eu pudesse te conhecer assim”.

Encolho-me na cadeira. Sim, minha música era sobre isso, uma forma de me tirar de mim. Normalmente, esse elogio teria me feito brilhar como uma estrela, mas ferida e ressentida como estou, machuca.

Não falo nada, só coloco outra música para tocar, sem cuidado para ver qual será. Só não quero falar.

“Camila”.

Não tenho certeza se quero continuar a conversa. Limpo as lágrimas do rosto e respiro fundo, olhando para o Google. O coitado não tem nada a ver com os meus problemas. Digito rapidamente, sem saber como me explicar.

“Desculpa, é só que dói. Só tenho isso para mostrar e, só isso, nada novo”.

Silêncio, sem música, apenas o barulho do ônibus andando. Não sei o motivo, mas até estava esperando que ele fosse se desconectar.

“Me expulsaram da banda”, é a resposta que recebo.

“O quê?”

“Eu era o agente da banda enquanto era o baterista e estava trabalhando demais. Fiquei estressado um dia e acabei brigando com o baixista por bobeira”. Ele fica em silêncio por mais um momento. “Não é uma expulsão, sejamos justos, está mais para umas férias forçadas e estou morrendo de medo de eles não me querem de volta e, bem, nunca mais tocar e fazer algo que eu amo”.

Não sabia o que responder, então, digitei com medo.

“Eles são seus amigos?”

“Alguns de infância”.

“Isso é bom!”, respondo e tento me explicar rapidamente. “Eles devem ter percebido o seu estresse e querem o seu bem, além disso, você é um excelente baterista pelo o que ouvi. Vai ser bom descansar um tempo”.

Torço o nariz, bato o dedo do lado do celular e espero.

“Obrigado. É bom ouvir isso, mas falei o que falei mais para dizer a você

que eu te entendo”. A voz do Google era horrível com essa mensagem, não combinava nada, mas meus olhos se encheram de água. “É sério, eu te entendo”.

Meu coração se acelera, não havia música sobre isso naquele momento. Ainda assim, consigo fazer com que aquela parte confusa que havia nascido dentro de mim quando a tampa fechou na minha mão fosse entendida por alguém. Talvez houvesse melodias que pudessem ser tocadas mesmo sem instrumento. Limpo as lágrimas de alívio e olho ao redor, envergonhada, mas acho que ninguém percebeu a música que havia vazado de mim.

“Você não faz ideia de o quanto eu precisava ouvir isso”.

Não há mais nada a se dizer. Suspiro profundamente e coloco para ele ouvir “*Innocence*” do Aquilo, e Milton coloca mais coisas da banda dele, encostei as minhas costas na cadeira e suspiro e solto o ar devagar, quero muito ver o rosto dele.

Depois de uns quinze minutos de músicas trocadas o ônibus para e o motorista avisa o tempo da parada, mas a voz do Google tira a minha atenção do recado:

“Te espero lá fora com um café e com um pão de queijo”.

Em seguida, meu fone avisa que estava desconectado e, enquanto espero as pessoas saírem, pego minhas coisas e sinto o coração batendo dentro do peito tão alto que chega aos ouvidos. Ajeito o cabelo, coloco o boné de volta na cabeça e fecho os olhos esperando acalmar meu coração. Sem estar pronta, saio do ônibus e entro na lanchonete da parada.

Indo sentar no canto, vejo um rapaz tentando equilibrar dois cafés e dois pratos nas mãos. Ele estava entre os onze do ônibus, mas honestamente ele é o último que esperaria que tivesse uma banda, com uma blusa branca lisa e cabelo muito bem cortado. Mesmo assim, ficou impossível não reparar os olhos dele atrás do óculos indo de um lado para o outro, olhando cada menina que passava perto dele.

Escondo minhas mãos no bolso do moletom e ajeito a postura, pensando que ele talvez esperasse uma garota de vestido e sandália ao invés de uma tatuada e tênis velho. Só que antes que eu chegasse muito perto, ele se levanta de uma vez e abre um largo sorriso.

— Camila? — Ele tem uma voz doce e melódica.

— Milton? — respondo rindo.

— Ufa! — Milton ri e me encara ajeitando os óculos com calma. —

Não sei o motivo, mas temia que você tivesse a voz do Google.

Não existe outra resposta além de rir. Antes de ele me convidar, eu sento na mesa e percebo as palavras entaladas na garganta, lutando para sair,

mas elas conseguem ganhar som:

— Honestamente, espero terminar essa viagem ouvindo a sua ao invés da do Google.

— Isso é um convite para me sentar do seu lado? — ele fala, ficando vermelho e entregando meu café e pão de queijo.

Meu rosto queima com o olhar dele e discretamente concordo com a cabeça, vendo Milton segurar o próprio sorriso e ajeitar mais uma vez seus óculos. Uma nova música começava a tocar dentro de mim e, de certa forma, também conseguia ouvir aquela que tocava dentro de Milton.

Autoria: Jonah | Revisão: Camila Paixão

# Solo



Jonah canta, compõe, toca, escreve, produz, edita e desenha. Lançou-se como autor com o livro TUDO O QUE EU NÃO PUDE DIZER, tem um EP em todas as plataformas digitais intitulado "Louco" e é criador e roteirista do podcast "Causos do Vale". Analista de sistemas de segunda a sexta, é na arte que ele encontra a si mesmo.



Aperto o nó da gravata,  
Afasto a poeira da camisa,  
Me olho no espelho  
E tudo parece no lugar

Puxo as cordas pela última vez  
Para ter certeza de que está afinado.  
Sussurro as primeiras notas  
Para ter certeza de que estou aquecido.

Inspiro fundo e expiro trêmulo,  
Ouço meu nome ecoando pelo teatro.  
Ando até o círculo de luz no centro do palco  
E os aplausos contidos cessam.

O silêncio é preenchido por mim,  
Pela melodia que sai dos meus dedos  
E os gritos que saem da minha garganta.  
Mas isso não impressiona...

Chego ao momento mais complexo  
No compasso que eu mais treinei em diante.  
Passo por ele flutuando,  
Mas isso não impressiona...

As pessoas se acotovelam  
E vejo aquele brilho em suas faces  
Que não vem da luz do teatro  
E sim das telas de outros palcos

Uma gota de suor escorre,  
E eu que achei que estava pronto

Estou prestes a abandonar meu solo  
Que estava longe do fim.

Solto os dedos...  
Música interrompida...  
Microfonia...  
Constrangedor silêncio...  
E os olhos que me fitam...

Eis que no fundo do teatro  
Ouço alguém cantar o meu refrão  
E essa voz aumenta e ecoa  
E eu logo torno a tocar

Para que você venha,  
Para que eu te ouça melhor,  
E para que todos eles  
Possam te ouvir também

E quando meus olhos te viram  
E você subiu no palco  
Cantamos, cantamos e cantamos  
Até nossas vozes se tornarem uma

O palco se preencheu de cores  
A plateia se encheu de luzes  
E fomos envolvidos por uma melodia  
Que atravessou nossos corações

É real, eu grito  
É real, você grita  
É real, eles gritam  
E assim termina nosso show.

A plateia transborda em aplausos  
E os rostos emocionados nos olham.  
Achei que éramos um dueto,  
No fim, somos uma orquestra inteira.





# Quem é o mascarado?



Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo, Tati Iegoroff é apaixonada por livros e por novas línguas e sonha com um mundo onde todos conhecerão os benefícios da leitura. Professora de italiano, revisora e administradora do Blog das Tatianices, é apaixonada por tudo o que faz. Também se arisca, vez ou outra, a escrever algo, tendo publicado alguns contos em antologias.

 [@tatianices\\_blog](https://www.instagram.com/tatianices_blog)

*Resenha do conto “Quem é o mascarado?” (41 páginas), escrito por Marie Pessoa e publicado em 12 de outubro de 2021 pela Se Liga Editorial.  
Por: Tati Iegoroff (Blog das Tatianices)*

Sempre achei que livros e músicas combinam demais, talvez porque ambos conseguem transformar em algo compreensível aquilo que, muitas vezes, não sei explicar.

Tendo uma paixão por essas duas artes, era óbvio que eu ficaria encantada com a proposta da série “Tudo parece melhor em musicais”, publicada pela Se Liga Editorial:

A série Tudo Parece Melhor em Musicais reúne nove contos inspirados nos musicais *Six*, *Wicked*, *Dear Evan Hansen*, *Chicago*, *Mamma Mia!*, *Hamilton*, *O Fantasma da Ópera*, *Grease* e *Hairspray*. Nessa aventura musical, nosso elenco de autores embarca em tramas variadas para envolver o leitor em um universo completamente novo, mas baseado em histórias que já conhecemos e amamos.

(Sinopse extraída do site da Se Liga Editorial)

Inicialmente publicados de maneira independente, um por vez, em formato digital, os contos foram reunidos em uma edição física que está saindo do forno. Cada musical, um conto; cada música, uma emoção.

Das nove histórias que compõem a obra, fui correndo conferir a de uma autora que admiro muito. As demais, irei saborear na edição física.

Inspirada em *O Fantasma da Ópera*, um clássico dos musicais, que também foi, em sua origem, uma grande obra literária, “Quem é o mascarado?”, da autora Marie Pessoa, é uma narrativa que conquista e, apesar de ter um quê de leveza, também aborda algumas questões fortes e importantes. Uma daquelas histórias para ler em uma sentada só, mas, ainda assim, guar-

dar consigo e refletir sobre alguns pontos.

Cris, a jovem protagonista, sonha em participar de um grande festival musical de nome *Good Music*. Apesar do incentivo de sua mãe e de sua melhor amiga, o namorado sempre a desencoraja a isso, fazendo-a acreditar que não tem talento e capacidade para tanto.

Ao enviar, sem querer, um super desabafo em um grupo relacionado ao Festival, porém, Cris acaba conhecendo Angel, uma pessoa misteriosa que demora a se revelar — suas redes sociais não dão muitas pistas —, mas que passa a ser um porto seguro para a protagonista.

A relação entre Cris e Angel, que nasce totalmente despreziosa, acaba evoluindo, fazendo com que a protagonista abra os olhos e entenda que o problema dela não é a falta de talento — até porque esse realmente não lhe falta —, mas o relacionamento em que se encontra.

E é com essa história que Marie consegue abordar questões tão importantes quanto relacionamentos abusivos, maternidade solo, relacionamentos entre mulheres e, claro, homofobia e até transfobia.

Para completar, “Quem é o mascarado?” consegue nos fazer ressignificar *O Fantasma da Ópera*, uma história na qual, hoje, conseguimos encontrar tantas problemáticas, mas que Marie faz questão de subverter, transformar e renovar com muita música e, claro, aquela pitada de amor que tanto precisamos.

# Feito uma canção



Paranaense e biotecnóloga com mestrado em Ciências de Alimentos, Agnes já publicou em diversas coletâneas e revistas literárias com algumas premiações. Também já participou em comissão julgadora de concursos literários. Faz parte da UBT (União Brasileira de Trovadores) Londrina, da Comissão de Autores Literários da WebTV, do grupo de escrita Contopeia e é acadêmica correspondente da Academia Internacional da União Cultural.

 @gness\_in

Seu olhar e seu sorriso,  
a perfeita combinação  
feito notas em uma partitura.  
O toque das nossas mãos,  
o abraço repentino,  
um instante só nosso,  
sem fórmula de compasso.  
A sede de seu beijo,  
a sede de você  
é imensidão do mar,  
a mais envolvente melodia.  
Nosso encontro, uma tempestade  
do alegre ao presto,  
na mais alta frequência sonora.  
Infinitude e perfeição,  
sou agora calmaria, adagio.  
E sob o som de uma orquestra,  
eu sei,  
é mais que sonho,  
é redenção e harmonia,  
é a melodia da canção  
do que é o amor.



Autoria: Paloma Engelke | Edição: Equipe Editorial | Revisão: Camila Paixão

# A música de Francisca



Paloma é canceriana (com vênus em câncer!) e amante do amor. Desde pequena, é apaixonada por histórias em todas as formas. Vegetariana, lésbica, advogada e estudante de psicologia, resolveu finalmente correr atrás da sua carteirinha de escritora. Escreve ficção especulativa (mas às vezes não), e gosta de colocar o amor em todas as suas criações. Também é co-criadora e editora do site Valkírias.



@papassarinha



@papassarinha

Quando Francisca nasceu, uma coisa estranha começou a acontecer. Foi já na sala de parto e passou despercebida pelos presentes — no segundo em que a menina inspirou pela primeira vez, uma música começou a tocar. Um som instrumental e errático, não muito alto, que alguns nem chamariam de música. No meio da confusão do momento, com o choro do bebê, da mãe e da avó, os apitos das máquinas hospitalares e os protocolos da equipe de saúde, ninguém ouviu aquele barulho.

A primeira pessoa a se dar conta do fenômeno foi Neide, a avó, ainda no hospital. A princípio, acreditou ser só uma música ambiente de gosto duvidoso e não deu muita atenção. Carmen, que tinha acabado de dar à luz, não pareceu notar até ter alta e chegar em casa com a recém-nascida. Nenhuma das duas queria ser a primeira a comentar sobre aquilo, com medo de ser tomada por louca, então ambas fingiram que nada estava acontecendo. Com toda justiça, Neide não queria preocupar a filha naquele momento delicado. Do outro lado, Carmen estava exausta demais na maior parte do tempo para pensar muito no assunto. Francisca, que ainda não tinha ideia de que era diferente, só dormia a maior parte do tempo e chorava no resto.

Ainda assim, foi Carmen a primeira a reparar nos padrões. Enquanto a neném dormia, com os olhinhos amendoados cor de chocolate fechados no meio daquele rostinho redondo e moreno-avermelhado, a música ficava mais baixa (a não ser quando a menina tinha pesadelos). Quando chorava ou estava irritada, o som ficava alto e estridente. Nos momentos de brincadeira, mamada e doçura, a melodia também se adequava. E assim foi sendo. À medida que Francisca crescia, o som se enriquecia e complexificava com novos tons, ritmos, harmonias e emoções. A única constante, que ficou clara com o passar dos anos, era que a música nunca parava.

Onde estivesse Francisca, lá estaria sua trilha sonora, contagiando todos à sua volta. E isso nunca foi um problema, até a menina entrar na escola. Nos primeiros anos de vida, Neide e Carmen tinham feito todo o possível para ajudar a menina a construir uma autoestima sólida e uma boa relação

com quem era. Mas nada disso foi suficiente quando as crianças perceberam que ela era a fonte daquele som. Foi logo no primeiro dia de aula, quando a mãe foi embora e a deixou para trás na sala. Francisca entrou em pânico e o volume do seu choro só se comparava ao da música.

A mãe, que acompanhava tudo do corredor, correu de volta e tomou a filha nos braços. O choro e a música diminuíram aos poucos diante dos olhos arregalados das outras crianças e da professora. A notícia correu rápido pela escola e, onde quer que fosse, desse dia em diante, a pequena Francisca (que então tinha seis anos) podia sentir os olhares que a acompanhavam.

O espanto acabou passando, mas a implicância e os comentários maldosos não. A menina precisou aprender na marra a manter o controle emocional e a se tornar invisível. Quanto mais invisível se fazia, mais baixa a música ficava, e era assim que conseguia não atrapalhar tanto o andamento das lições. Exceto quando um engraçadinho decidia causar e implicava com ela até o som explodir de tal forma que nenhuma turma conseguia ter aula enquanto Francisca não se acalmasse. Ir para aquela escola era um pesadelo, mas Francisca e sua família temiam que recomeçar em uma nova fosse ainda pior. Ali, pelo menos, ninguém estranhava mais.

A mudança se tornou inevitável quando a menina tinha 15 anos, porque a escola em que estudava não tinha ensino médio. Foi quando Francisca teve sua primeira crise de ansiedade (o nome ela só descobriu depois). O som era alto e insuportável, como dezenas de unhas arranhando dezenas de quadros negros e um milhão de taças de cristal se quebrando, tudo ao mesmo tempo. Era véspera do primeiro dia de aula na escola nova e nem a mãe nem a avó conseguiram fazer nada por ela, porque o barulho não deixava ninguém se aproximar. Acabou se acalmando sozinha, depois de muito tempo. E na manhã seguinte, aconteceu de novo. Depois disso, a mãe saiu e comprou os abafadores de som mais poderosos do mercado (um grande investimento).

Naquela manhã, colocaram um comprimido na sua mão, que ela tomou sem questionar, e Francisca foi para a escola se sentindo mais sonolenta do que o normal. Chegou cedo e se sentou no fundo da sala, concentrando todas as suas energias em ser invisível enquanto os colegas enchiam as carteiras. A menina torceu para que ninguém se sentasse perto dela, mas a torcida foi em vão. Pouco antes de o sinal tocar, uma menina preencheu o assento ao lado.

Francisca continuou encarando as mãos e focou na própria respiração. Mas quando a colega disse “oi”, foi obrigada a encarar aqueles olhos quase pretos que a olhavam do meio daquele rosto marrom escuro. O rosto mais bo-

nito que já tinha visto na vida. Sentiu as bochechas esquentarem e o coração bater estranho. Por sorte, a música deu apenas uma pequena acelerada e não pareceu chamar a atenção de ninguém. Devolveu o cumprimento e tentou sorrir sem perder o controle da respiração.

— Eu sou nova na escola, e você?

Ninguém nunca tinha falado com ela na escola antes. Não de uma forma decente.

— Eu sou nova também.

Sua voz soou estranha, mas a outra menina não pareceu notar.

— Será que sempre toca música instrumental nas salas aqui?

Francisca sentiu as bochechas esquentarem ainda mais e voltou a encarar as mãos. Podia desconversar e tentar mudar de assunto, mas todo mundo descobriria a verdade, cedo ou mais tarde. Respirou fundo e sussurrou, torcendo para ninguém mais estar prestando atenção à conversa:

— Sou eu.

A menina não entendeu e se aproximou, pedindo para repetir. Um cheiro de coco e lavanda invadiu as narinas de Francisca, que sentiu o mundo girar um pouco (de um jeito bom).

— A música. Sou eu.

— Você toca música?

O tom de voz foi elevado pela surpresa, e Francisca se apressou para olhar em volta, conferindo novamente se alguém estava prestando atenção. Deu de ombros, já arrependida de ter se aberto assim para uma estranha.

— Irado.

Aquela não era a resposta que esperava, e o efeito que aquilo causou em seu corpo a surpreendeu também. Sentiu músculos que nem sabia ter relaxarem e um sorriso cresceu no seu rosto sem pedir permissão.

— Você não acha esquisito?

— Claro que eu acho! — A menina riu, não de um jeito maldoso. — Mas é irado.

Francisca não entendeu bem o que aquilo queria dizer, mas decidiu não questionar. Logo depois, a professora entrou, fingindo normalidade (a escola tinha sido avisada previamente sobre a condição de Francisca), e a aula começou. A música de fundo estava baixa e melodiosa como não ficava há muito tempo. Durante a aula, entre uma anotação e outra, a menina dava uma espiada furtiva na direção da colega ao seu lado, que parecia tranquila e absorta na explicação. Francisca, ao contrário, nunca tinha prestado tão pouca atenção a uma aula.

Na hora do recreio, demorou a perceber que Rafaela (esse era o nome da colega) estava esperando por ela. Foi preciso um convite verbal expresso para a menina entender que não precisaria passar aquele recreio sozinha, se não quisesse. Não sabia bem o que queria, uma parte sua continuava com medo de ser tudo uma armadilha cruel, mas ainda assim aceitou. As duas se sentaram no pátio aberto, sob a sombra de uma árvore, e a música estava tão baixa em comparação com a algazarra dos alunos que Francisca se viu tentada a acreditar que era uma pessoa normal.

Rafaela fazia muitas perguntas, mas (não se sabe se por tato ou falta de interesse), nenhuma sobre a música de Francisca. Quis saber de que escola vinha, do que gostava, o que pensava sobre uma coisa ou outra. Francisca não tinha muita prática em conversar com pessoas novas, mas Rafaela parecia dominar a arte pelas duas. Ela falava fácil, suave, bonito, e tinha um brilho diferente no olhar. Depois de esgotar as perguntas, começou a falar espontaneamente sobre si.

— Eu tinha uma amiga na outra escola — começou a contar enquanto desenhava uma flor nas costas da mão de Francisca com uma canetinha que tirou do bolso da calça — e você me lembra muito dela. Na verdade, vocês são bem diferentes, não sei por que minha cabeça ligou uma coisa com a outra.

Francisca riu da história confusa, e a outra riu junto.

— Eu não tinha nenhuma amiga na minha antiga escola — confidenciou, sem saber o motivo, e sentiu as bochechas esquentarem.

— Crianças sabem ser muito cruéis — Rafaela observou, ainda concentrada no desenho. — Mas eu não vou deixar isso acontecer aqui.

Aquela promessa não deixou para Francisca outra opção a não ser acreditar que seriam amigas. *Amigas* (repetia para si mesma). Mesmo que o cheiro da outra a fizesse sentir cócegas por dentro e o som da sua risada sobrepusesse até aquela música onipresente. Quando Rafaela estendeu a mão em sua direção para tirar uma folha que caíra da árvore e ficara presa nos seus cachos, a respiração de Francisca ficou presa no peito e demorou a se soltar, o coração descompassado. Rafaela pareceu não reparar.

Foi o melhor recreio da vida de Francisca. O primeiro de muitos. Por muitos dias, a menina acordou sentindo uma dupla ansiedade: a primeira, boa, mal conseguindo esperar para encontrar Rafaela de novo; a segunda, ruim, temendo ser o dia em que os outros colegas se dariam conta de sua peculiaridade e sua paz acabaria. Mas, dia após dia, seus medos se mostravam infundados. A bem da verdade, estava sempre tão absorta em Rafaela, suas histórias e sua existência que mal reparava no som.

Os meses se passaram e, eventualmente, seu medo passou também. Neide e Carmen não cabiam em si de felicidade de ver as mudanças em Francisca. A menina parecia mais leve, menos nervosa, mais feliz. Rafaela até começou a frequentar a casa e era querida por todas as gerações. Ninguém nem se importava com o fato de ser a única amiga que Francisca tinha no mundo.

Quase nas férias de meio de ano, porém, Francisca chegou na escola e encontrou Rafaela conversando animadamente com um grupinho de colegas da turma delas. Normalmente, em situações desse tipo, Francisca fingia se distrair com alguma coisa e a outra prontamente se desvencilhava das pessoas e ia até ela. Daquela vez, não foi assim. Rafaela parecia muito entretida na conversa, em especial no que quer que Marco Antônio, um menino alto e atlético, tinha a dizer. Enquanto todo o grupo conversava entre si, o rapaz falava apenas com ela, que prestava atenção exclusiva ao que ele dizia. O coração de Francisca acelerou, ela sentiu o sangue correr para as bochechas, e por alguns segundos ficou sem reação, pregada no lugar, encarando o grupo. Rafaela notou sua presença, e ao invés de ir até ela, como sempre, apenas acenou para que se aproximasse.

Os membros de Francisca demoraram a responder aos comandos, mas eventualmente ela conseguiu se mover, e a menina fez a única coisa que conseguiu pensar: atender ao chamado da amiga. Caminhou devagar, colocando um pé na frente do outro enquanto respirava fundo para tentar impedir o pandemônio que seria se perdesse o controle. Não estava preparada para ver seu pequeno oásis se desfazer.

Os quatro colegas sorriram para ela quando finalmente chegou. Nunca tinha conversado com nenhum deles antes, mas estudavam na mesma sala todos os dias. Sorriu de volta, e sentiu seus músculos relaxarem um pouco quando Rafaela passou um braço em torno dos seus ombros (teria notado seu estado alterado ou era só uma demonstração de afeto gratuita?).

— Vocês tão ouvindo essa música estranha? — comentou Marco Antônio, interrompendo o fluxo da conversa.

Foi o suficiente para acabar com o frágil autocontrole de Francisca. A música explodiu em algo muito semelhante a um solo de bateria estrondoso e sem ritmo. Antes que alguém pudesse comentar mais alguma coisa, a menina correu, sem enxergar nada à sua frente. A sorte foi que o sinal da primeira aula tocou e o banheiro do pátio estava vazio quando ela entrou correndo e se trancou na cabine mais ao fundo. Sentou-se sobre a tampa fechada da privada, colocou a cabeça entre os joelhos, tampou os ouvidos com as mãos e tentou se concentrar em contar as próprias respirações. Já tinha sobrevivido a

nove anos letivos torturantes, sobreviveria a mais dois e meio se fosse preciso (foi o mantra que surgiu em sua mente naquele momento).

Depois de um tempo, conseguiu se acalmar, e só então ouviu as batidas leves na porta da cabine. Inspirou até seu pulmão estar completamente cheio e abriu a porta como se arrancasse um curativo. Era Rafaela. A menina a encarava com a expressão entre preocupada e assustada. A vergonha apertou o coração de Francisca. Só queria ligar para a mãe, dizer que estava tendo um dia ruim e pedir que alguém a buscasse.

— O que que aconteceu?

Como explicar em palavras simples para alguém que não era obrigada a viver com aquele fardo?

— Minha vida acabou.

— Por quê?

— Agora todo mundo sabe que a música vem de mim e minha vida vai voltar a ser um inferno.

Rafaela envolveu a amiga em um abraço apertado e Francisca sentiu as bochechas molhadas sem nem saber dizer quando tinha começado a chorar.

— Ninguém sabe de nada. Todo mundo ficou bem confuso, na verdade. Não fazem ideia de onde vinha a música, e depois você saiu correndo do nada.

— Ótimo. De um jeito ou de outro, me acham uma aberração.

— Para de falar merda — Rafaela pediu em tom gentil, sem soltar o abraço. — Mas a galera é bacana, talvez se você em algum momento se sentir confortável pra contar...

Francisca balançou a cabeça negativamente no ombro da outra, e Rafaela não insistiu nem fez menção de afrouxar o abraço. Talvez fosse mentira, talvez Rafaela estivesse só tentando acalmá-la, mas só ter a amiga ali, ao seu lado, fazia com que se sentisse mais pronta para encarar o que quer que a esperasse do lado de fora. De qualquer forma, um ponto ainda a incomodava como um espinho fincado na sola do pé.

— O Marco Antônio... — soltou no ar, o som abafado pelo pescoço da outra.

— Que que tem ele? — Rafaela devolveu a pergunta em tom de dúvida sincera.

— Vocês tavam flertando?

Rafaela enfim soltou o abraço e deu um passo atrás para encarar Francisca. Sua expressão misturava confusão, entendimento, espanto e vários outros sentimentos que fizeram Francisca se envergonhar da própria pergunta. Como era ridícula, claro que aquilo não era da sua conta. Mas o que já tinha

sido dito não podia ser desdito, e a menina encarou as pontas rabiscadas dos tênis da outra enquanto esperava a resposta.

— Se a gente tivesse, você ia se importar?

Francisca não sabia como responder. Seu primeiro impulso era mentir para se defender. Mas e se? Teria ela coragem o suficiente para admitir os próprios sentimentos e arriscar perder a única amiga que teve a vida inteira?

— Eu quero que você seja feliz, e se você tiver interesse nele, vou torcer por vocês — começou, mas no meio do caminho algo tomou conta dela e a fez continuar. — É só que eu preferia que não estivessem.

O silêncio se fez e Francisca demorou alguns instantes para reunir o restinho de coragem e subir o olhar para encontrar o rosto da outra. O que aquele rosto diria? Quando finalmente conseguiu encarar Rafaela de frente, a menina sorria.

— Por que eu estaria flertando com ele se eu tô tentando flertar com *você* desde o começo do ano?

Mais uma vez aquela energia (que talvez fosse ela mesma) tomou conta de Francisca antes que pudesse pensar demais. Quando viu, sua mão esquerda estava segurando a mão direita de Rafaela, seus dedos se entrelaçaram e faziam uma dança engraçada que mandava um calafrio braço acima até chegar no meio do peito e então descer pela coluna. Aproveitando a solidão daquele banheiro familiar, Rafaela deu um passo à frente e as duas ficaram muito próximas. Nenhuma delas saberia explicar quem beijou quem.

Seria um exagero dizer que a vida de Francisca mudou depois daquele dia. Ela continuou sendo a mesma menina tímida e ansiosa de sempre, mas agora estava muito mais feliz. Se alguém reparou que a música ambiente que tocava o tempo todo na sala daquela turma se tornou muito mais suave e romântica daí em diante, não comentou nada.

Autoria: Le Melo | Revisão: Camila Paixão

# Bolero



Le é escritora e poetisa da cidade de Osasco-SP, com seis livros publicados, participação em coletâneas poéticas e revistas literárias. É professora aposentada, amante da poesia e da literatura infantil.

 @le.cmelo\_

Nossos olhares se cruzaram,  
Desejei abraçar-te demoradamente.  
De imediato, pensamentos divagaram,  
Em teus braços dancei suavemente.

Tal qual as cartas de Pessoa,  
Ridiculamente perdida de amor,  
Por teu perfume embriagada,  
Ao teu ouvido cochichei a minha dor.

No passo marcado e preciso,  
Por instantes formamos um par,  
Sentimentos rodopiaram  
Qual vento quebrando o mar.

Ouçõ de repente uma voz ao lado,  
Desperto deste devaneio então.  
Finda a música, encerra-se o bolero,  
Realidade: apertamos as mãos

Autoria: Ana Farias Ferrari | Revisão: Thais Rocha

# Nossa melodia



Ana consome romances no café da manhã, de preferência com três colheres de açúcar, e se pudesse viveria em um musical porque cantar sobre seus sentimentos faz tudo ficar melhor. Amante dos clichês, seu encontro perfeito envolve sorvete e o fim de uma tarde de verão

 @anasoana

Meu querido,

Acho que nunca te contei como soube que era você, mas tudo começou com uma melodia. Eu não me lembro a primeira vez que a escutei. Um dia ela simplesmente estava ali, presa na minha cabeça e presente em todos os momentos da minha vida.

Era frustrante não saber a letra e não conseguir reproduzir o ritmo de forma fiel, e todas as minhas tentativas de tentar cantarolá-la resultaram em caras confusas de colegas e amigos. Ninguém havia escutado nada parecido antes, e apesar de seguir minha vida embalada por aquelas notas, me contentei em aceitar que uma melodia incompleta era tudo o que eu teria.

Então, você apareceu.

A princípio não reparei em nada diferente. Você era um amigo de uma amiga com um sorriso fácil, e então uma figura presente nas conversas da madrugada, alguém do meu lado na decisão de qual filme deveríamos assistir e um companheiro para dividir as cobertas.

Não foi de imediato, e não foi igual aos filmes, em que tudo acontece em uma montagem com trilha sonora animada, antes da declaração em câmera lenta.

Foi no tom baixo de contralto da sua risada sincera para uma das minhas piadas sem graça.

Foram seus dedos dedilhando meu braço até envolver minha mão com a sua.

Foram seus lábios sobre os meus, leves e em compasso com o batimento do meu coração.

Foi em você que eu a escutei e percebi que era o que estava faltando esse tempo todo.

Ao seu lado, a melodia era clara como nunca havia sido, completa como só imaginei que um dia seria. Quando percebi que era tão minha quanto sua, não tive mais dúvidas.

Feliz aniversário, meu querido. Por uma vida inteira descobrindo para onde nossa melodia vai nos levar!

Com amor,

A.



# Créditos

## **Equipe editorial**

Ana Farias Ferrari  
Camila Paixão  
Luísa Scheid  
Tatiane Lucheis  
Thais Rocha

## **Equipe de design**

Rafael Lopes

## **Autores Selecionados**

Agnes Izumi Nagashima  
Carolina Saiki  
Le Melo  
Paloma Engelke

## **Autores Convidados**

Jonah  
Tatiana Iegoroff

## **Apoiadores**

Ariane Barreto Haagsma  
Bárbara de Lima Morais  
Elizabeth Fortunatti Albregard  
Érulos Ferrari Filho  
Nicole Alcântara Botelho  
Velani Salim Diz  
Willian Miyasaka

## **Antigos Apoiadores**

Benjamin Franco  
Camila Cristina Crosnag  
Fracalossi  
Daniele Ferreira  
Diego Toledo  
Lucas Eiji Kong Fukue

# Apoie esta revista

Se você gostou do conteúdo e quer nos ajudar a caramelizar mais maçãs, você pode nos apoiar através do Catarse. A Revista Maçã do Amor conta com voluntários, que editarão e publicarão a revista independentemente do valor arrecadado. Ao apoiar, você ajuda a garantir que esse trabalho aconteça com a remuneração da equipe e futuramente dos artistas publicados. A Maçã do Amor é feita de brasileiros para brasileiros, focada na expressão de artistas nacionais. Financiar a Maçã do Amor é financiar a literatura e a arte visual nacional.

## Dê uma maçã

Se você gostou do conteúdo mas não pode nos apoiar financeiramente, compartilhe esta revista com seus conhecidos. Ajude-nos a levar amor para todos os cantos. Além disso, você também pode votar através do nosso site e dar uma maçã virtual para seus artistas favoritos.

[Vote aqui!](#)

## Participe

A Maçã do Amor é uma revista de participação aberta. Você pode enviar seus textos através dos editais para as redes sociais ou para a revista. Confira nosso site para maiores informações e seja você também uma Maçã do Amor.

 [www.revistamacadoamor.com](http://www.revistamacadoamor.com)



[@leiamacadoamor](#)



[@leiamacadoamor](#)